



MULHER SURDA: LUTAS E TRAJETÓRIA

Péterson da Rosa Costa¹

“Descobri recentemente o célebre questionário de Proust². As duas últimas perguntas: Sua divisa preferida? O dom da natureza de que você gosta mais? Respondi: Aproveitar a vida. Já tenho o dom: sou surda.

No dia seguinte da cerimônia do Molière, as manchetes dos jornais estampavam quase a mesma frase: “Surda-muda recebe o Molière”.

Nada de Emmanuelle Laborit. “A surda-muda”. Emmanulle Laborit estava escrito bem pequeno, sob a foto.

Espanto-me com a expressão “surda-muda”.

Muda significa que não faz o uso da palavra. As pessoas me vêem como alguém que não se utiliza das palavras! É absurdo. Eu as utilizo. Com minhas mãos, com minha boca. Exprimo-me em sinais e falo o francês. Utilizar a língua dos sinais não significa ser mudo. Posso falar, gritar, rir, chorar, sons saem de minha garganta. Ninguém me cortou a língua! Tenho uma voz particular, só isso!

(...) A luzinha vermelha do telefone não para de piscar. Há tantos projetos na vida da gaivota.

Estou orgulhosa. E feliz que o mundo da mídia se interesse por meu intermédio, pelo mundo dos surdos. Cada jornalista me dá a impressão de estar descobrindo que existimos. (...).

Mas certas perguntas me fazem subir pelas paredes. Uma sobretudo. Sempre a mesma. Como é o seu silêncio? Ele é mais silencioso de um porão ou que o silêncio aquático?

Um porão? Para mim um porão não é silencioso! É cheio de cheiros, de umidade, é barulhento de sensações. (...) Meu silêncio verdadeiro seria o de ter os olhos fechados, as mãos paralizadas, o corpo insensível, a pele inerte. Um silêncio do corpo.

Você vai ter um filho?

Resposta: sim.

¹ Graduado em Filosofia; Especialista em Gestão e Planejamento Escolar; Capacitação em Educação Especial Surdez; Interprete de Língua de Sinais Brasileira e Pós-Graduando do Curso de Mestrado em Educação do Unilasalle/RS. peterson.prc@gmail.com

² Marcel Proust (1871 – 1922), escritor francês. Ainda muito jovem, ao participar de uma festa, por volta de 1886, foi convidado a preencher um questionário. Um costume nos salões da *Belle Époque* servia para criar assuntos e animar as festas. Proust teria respondido o questionário duas vezes na vida, quando menino e depois já rapaz. Suas respostas fizeram do modelo de questionário tão famoso que se transformou em uma espécie de entrevista padrão.



Pergunta subsidiária: você tem medo de que ele seja surdo ou ouvinte?

*Resposta: Ele será como quiser. Será meu filho. Ponto final. (...)*³.

Juntamente com a gaivota voei para um outro mundo, um mundo onde é possível visualizar o som, onde a percepção é muito mais aguçada, onde o olhar é essencial, onde o corpo expressa freneticamente conceitos profundos, relatos pesados de opressão, de tentativas de extermínio. Voei para o mundo dos surdos. Este mundo não é um mundo contrário ao mundo dos ouvintes, é um mundo diferente, nem melhor, nem pior, apenas diferente. Antes deste vôo minha imagem representativa da surdez carregava muitos traços da imagem construída historicamente deste grupo cultural. Em síntese posso dizer que olhava para o surdo como um ouvinte que não ouve e por isso necessita da língua de sinais para se comunicar. Permito-me fazer uma analogia um tanto ousada, para não dizer outra coisa, voar com a gaivota para mim foi o mesmo que fazer o caminho de Santiago de Compostela, uma travessia que vai além do simples turismo, mas que transcende a matéria corpórea e que pode ser traduzida pela filosofia como experiência estética, neste caso específico, experiência estética da surdez.

Voei com a gaivota algumas vezes, e acredito que ainda hei de voar tantas outras, pois em cada vôo me dou conta de algo novo. Não lembro ao certo quando foi, mas um dia me dei conta que voava com “a gaivota”, acredito que a sensação foi a mesma dos prisioneiros da caverna de Platão que um belo dia descobrem que as sombras projetadas na parede não são os objetos em si, mas apenas representações deles. De olhos desvendados, percebi que existem muitas gaivotas por aí; voando, laborando, se alimentando, lutando, construindo ninhos, alimentando a prole, mas quase não existem registros das gaivotas, de suas histórias, de suas lutas, de suas conquistas.

É bem verdade que o interesse pelo mundo dos surdos tem crescido muito, boa parte resultante das lutas do movimento surdo pelo reconhecimento e divulgação da Libras, como língua oficial da comunidade surda do Brasil; do acesso a informação através de legendas e ou janelas de interpretação em programas de televisão e filmes brasileiros; do acesso à saúde pública exigindo a presença de intérprete nos hospitais e postos de saúde; ao mercado de trabalho e principalmente à educação chamando a atenção para as políticas educacionais de inclusão e o fechamento de escolas especiais.

Como é notória a presença significativa das mulheres no movimento surdo e na educação acredito ser válido fazer uma aproximação de gênero e surdez, já que são poucos os estudos no Brasil que utilizam estas duas categorias de análise.

³ LABORTIT, Emmanuelle. O Vôo da Gaivota. São Paulo: Editora Best Seller, 1994, p. 199.



A surdez é encarada, nesta reflexão, a partir da ótica dos estudos culturais que compreende a cultura como um “campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação” (SILVA, 2000, p. 32). E que consideram o sujeito surdo como um sujeito cultural, que partilha de uma cultura surda, marcada a partir da experiência visual da língua de sinais. E não um deficiente que necessita de correção ou cura.

Não é possível falar em gênero sem aproximar-se dos estudos feministas, mas não no sentido de fazer de homens e mulheres seres opostos, ou de afirmar um negando a existência ou capacidade do outro. Mas a partir da diferença já que:

Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às diferenças, mas também às instituições, as práticas cotidianas como aos rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. O discurso é o instrumento de entrada na ordem do mundo, mesmo não sendo anterior a organização social, é dela inseparável. Segue-se, então, que o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. (SCOTT, 1998, p. 15).

O que nos permite dizer que a diferença sexual não está determinada pela biologia, ou pela natureza dos sexos, como historicamente estamos acostumados a ouvir. Pelo contrário a diferença sexual é uma construção social e cultural. Do contrário, a definição de homem e mulher não divergiria em diferentes regiões e culturas.

Ter presente o conceito de gênero enquanto relação entre os sexos possibilita não somente identificar os valores atribuídos tanto aos homens quanto às mulheres e as regras de comportamento que decorrem destes valores. Como também questioná-los, desconstruí-los, reorganizá-los. Saindo do determinismo “natural”, uma vez que não estabelece relação da diferença biológica como causa da desigualdade social.

Falar em gênero implica necessariamente falar em poder, enquanto capacidade de agir sobre a ação do outro, de determinar o outro, de dizer quem é o outro e excluir os que não se enquadram no outro definido.

Foucault nos lembra que as relações de poder atingem a realidade mais concreta dos indivíduos definindo as práticas cotidianas. Em sua análise busca compreender os mecanismos de poder utilizados e os diferentes efeitos produzidos na sociedade. Aponta ainda para a possibilidade de se pensar o poder como algo não localizável ou propriedade de alguns indivíduos.



O passado oficial

Ao longo da história, a visão em relação às pessoas surdas, em geral, manteve sempre um aspecto negativo. Pelo fato de não ser capaz de ouvir, acreditava-se que o surdo não poderia ser educado. Tal concepção retirou do surdo todo e qualquer direito assegurado, condenando-o a viver à margem da sociedade.

Os primeiros registros a cerca de educadores para surdos são do século XVI. Cardano é considerado o primeiro a defender o direito à educação dos surdos. Porém, é na figura do espanhol beneditino Pedro Ponce de Leon (1520 – 1584) que se encontrou a primeira metodologia sistematizada para a educação de surdos, que baseava-se na datilologia (representação manual das letras do alfabeto), na escrita e na oralização. Ponce de Leon fundou ainda uma escola formadora de professores para surdos.

Outro nome bastante importante na história da educação dos surdos é o do abade francês Charles Michel de L'Épée. Charles aprendeu com os surdos, que vagavam pelas ruas de Paris, a língua de sinais, combinou-a com a gramática francesa e deu origem aos sinais metódicos.

L'Épée fundou ainda uma escola pública para surdos, em 1771. Em 1785, sua escola já atendia 75 alunos, um número expressivo para a época.

Nesta mesma época, em 1750, surge na Alemanha Samuel Heinick, fundador da primeira escola pública utilizadora da filosofia oralista, que acreditava ser o ensino da língua oral o único meio de incluir o surdo na comunidade geral.

O século XVIII é considerado o período mais fértil da educação de surdos:

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos testemunhou a rápida criação de escolas para surdos, de um modo geral dirigidos por professores surdos, em todo mundo civilizado, saída dos surdos da negligência e da obscuridade, sua emancipação e cidadania, a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade — escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, tornam-se subitamente possíveis⁴.

O professor americano Thomas Hopkins Gallaudet, em 1815, segue para Europa em busca de dados sobre a educação de surdos. Conhece L'Épée e seu método manual de ensinar. Em 1817, auxiliado pelo melhor aluno da escola de L'Épée, Laurent Clerc, Gallaudet funda a primeira escola para surdos dos Estados Unidos, que adota como forma de comunicação uma espécie de francês sinalizado, adaptado, obviamente, ao inglês.

É a partir de 1821 que se inicia o movimento rumo à ASL (Linguagem de Sinais Americana), ainda muito influenciada pelo francês sinalizado. Somente em 1850 é que a ASL

⁴ SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma jornada no mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.26.



passa a ser utilizada nas escolas americanas. Ao mesmo tempo, as escolas da Europa começam utilizar a língua de sinais, promovendo assim uma enorme mudança no nível de escolarização dos surdos. Através disso eles podem compreender com maior facilidade, os conteúdos trabalhados nas disciplinas.

A Universidade de Gallaudet, a primeira universidade nacional para surdos é fundada em 1864.

Embora fosse comprobatório o desenvolvimento intelectual dos surdos alcançado pela utilização da língua de sinais, o método oralista fortaleceu-se muito, graças à tecnologia que possibilita o aprendizado da fala pelo surdo. Embalados pelo entusiasmo da possibilidade de aprendizado da língua oral, muitos profissionais defendiam, e até hoje defendem, que a língua de sinais é prejudicial ao aprendizado da língua oral.

Alexander Graham Bell é uma das figuras significativas na defesa do oralismo. Exerceu forte influência na votação do Congresso Internacional de Educadores Surdos, em 1880, na cidade de Milão. Neste congresso foi estabelecido que o método de ensino utilizado na educação de surdos seria o oralismo, tornando oficialmente proibido o uso da língua de sinais.

Proibir o uso da língua natural de um povo significa muito mais do que não utilizá-la, significa extinguir de forma violenta e silenciosa a identidade cultural de uma comunidade inteira. Pois a língua é um importante facilitador de compreensão entre os seres humanos. As palavras e os termos de um idioma expressam muito mais do que o nome das coisas. O significado carrega em si toda a história de um povo, seus valores éticos, suas crenças, mas sobretudo, sua cultura.

Concentrados todos os esforços no ensino da língua oral, as demais disciplinas componentes do currículo escolar foram postas em segundo plano, provocando uma significativa queda no nível de escolarização.

Até a publicação das pesquisas de Stocke, na década de setenta, o oralismo imperou em todo o mundo. Stocke procurou demonstrar que a ASL era uma língua com todas as características da língua oral, o que suscitou inúmeras pesquisas nesta área. Promoveu, assim, o retorno da língua de sinais e outros métodos manuais ao contexto escolar.

Em 1968 surge a Filosofia da Comunicação Total e a partir da década de oitenta surge a Filosofia do Bilingüismo.

A surdez no Brasil



Os surdos brasileiros também possuem sua história, que inicia “oficialmente” em 1855, com a vinda do professor surdo Hernest Huet, francês que, a convite do imperador D. Pedro II, inicia um trabalho com duas crianças surdas.

Em setembro de 1857 é fundado o Instituto Nacional de Surdos Mudos, atualmente conhecido como INES, Instituto Nacional de Educação dos Surdos. Inicialmente, esse instituto utiliza a língua de sinais como língua oficial, mas seguindo a tendência mundial, em 1911 opta pelo oralismo em toda a sua grade curricular. Ainda assim a língua de sinais permaneceu em sala de aula até 1957 quando é proibida oficialmente pela diretora Ana Rímola de Faria Doria. Num ato de revolta os alunos continuavam a se comunicar em sinais pelo pátio e corredores da escola.

A Comunicação Total chegou ao Brasil somente no fim da década de setenta, através de Ivete Vasconcelos, educadora da Universidade Gallaudet. Na década de oitenta, através das pesquisas da professora lingüista Lucinda Ferreira Brito, sobre língua de sinais, chega ao Brasil o bilingüismo.

Surdas

Ao lançarmos nosso olhar para a história da Educação dos Surdos, podemos perceber que existe uma grande discriminação histórica com relação às mulheres surdas que chegaram a ter acesso negado às instituições especializadas na educação de surdos e que tal proibição sequer constituiu em um problema para a família e a sociedade.

São praticamente inexistentes os registros das educadoras surdas na história da surdez, o que não significa que não existiram, simplesmente não são mencionadas. Assim como também não são mencionadas em tantas outras áreas do conhecimento em que estão presentes.

Dos surdos que ingressam na universidade em Pedagogia e outras licenciaturas a grande maioria são mulheres. O que pode ser explicado pelo discurso, historicamente construído, de que a mulher nasceu para o ensino em função de sua vocação para o cuidado.

O estigma de ser mulher incapaz está presente nas falas⁵ de algumas entrevistadas para esta reflexão quando indagadas sobre o preconceito:

“quando tive meu filho (ouvinte) minha sogra quis ficar com ele, não queria que eu cuidasse, dizia que eu não sabia como fazer, como eu ia saber se estava com fome? Sede? Dor de barriga?” (Cris, 25 anos).

⁵ As entrevistas foram filmadas em língua de sinais e transcritas para o português.



“queria ser bailarina, gostava de ver minha prima dançando, indo à aula, minha mãe disse que não poderia dançar, já que não escutava” (Carla, 20 anos).

“acho que o maior preconceito é na hora do trabalho, nos oferecem muitos empregos em fábricas, ninguém quer uma surda em uma loja, em um escritório. É muito difícil, tenho amigas professoras, mas não é fácil conseguir trabalho”. (Denise, 24 anos).

Quantitativamente, três falas não podem representar a comunidade surda feminina. Qualitativamente, essas três falas são muito importantes para ilustrar que a incapacidade ainda está associada a surdez seja no âmbito profissional ou pessoal.

Nas associações de surdos a presença feminina é significativa, muitas mulheres destacam-se pela liderança na luta pelos direitos e valorização das pessoas surdas. Boa parte das conquistas do povo surdo é resultado da presença e da perseverança de inúmeras surdas que não aceitando a condição de deficiente imposta pela sociedade optaram por lutar, por fazer a diferença.

Em 2008 a jovem Vanessa Vidal chama a atenção da mídia, não apenas por sua beleza, mas por ser a primeira candidata surda a miss Brasil, classificada em segundo lugar no concurso, aproveitou a visibilidade para apresentar ao mundo as comunidades minoritárias. “é preciso mostrar para a sociedade que somos todos capazes, como as diferenças. A maior lição é que somos todos capazes de alcançar nossos sonhos” (Vidal, 2008.)

Finalizando

Iniciei minha reflexão nas asas da gaivota francesa Laborit, e encerro nas asas da Tuiuiu matogrossense Vilhalva, educadora surda, uma entre tantas outras, que está mudando o cenário da surdez brasileira.

“Em 31 de outubro de 2000 fui convidada para cerimônia de conclusão do Projeto “O MESTRE QUE MARCOU A MINHA VIDA” no auditório da FIEMS. Não estava muito claro para mim por que estaria recebendo esta medalha com a frase de apresentação: “É irrefutável a importância que tem a Educação para o desenvolvimento social da nação (frase escrita por Therezinha de Alencar Selem, a quem tenho agradecimento especial pela escolha de meu nome e indicação como personalidade que fez diferença na Educação Especial)”. A metodologia utilizada para escolha foi homenagear personalidades e instituições que contribuíram para mudar o rumo da história de Campo Grande pela via educacional. No meu caso, como representante da Educação Especial pelo forte senso de inclusão dos diferentes, destaque pelos serviços prestados à Educação Especial no Estado, sendo responsável pela introdução da Língua de Sinais na área educacional em Mato Grosso do Sul, sendo minha vida profissional sempre ligada aos serviços prestado pelo CEADA - Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação, desenvolvendo diversos projetos, utilizando como mecanismo de comunicação a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, língua que garante além da comunicação o conforto lingüístico, tornando se assim uma língua natural e forma de expressão da pessoa surda, envolvendo ações, idéias e sentimentos. Contribuindo para melhoria da comunidade surda e seus familiares, pretendo continuar os projetos, elevando a nível nacional, pois há muitas



*coisas a serem feitas para o aprimoramento do processo de educação, inter-relação e apoio sociocultural dos surdos, sendo que os problemas são peculiares aos demais Estados do Brasil”.*⁶

Precisamos regressar à caverna para resgatar os demais moradores, para libertá-los de suas correntes, das sombras representativas da realidade. A tarefa não é fácil, mas é necessária, só assim todos poderão chegar a luz, vislumbrar as cores, enxergar o real.

Sabe...
Quantas vezes cheguei perto para falar e não
consegui
Quantas vezes meus olhos falaram e você nem
ligou
Quantas vezes minhas mãos chamaram e você
nem se importou
Minha vontade de contar coisas bonitas ia
morrendo...
Meus olhos iam se apagando...
Minhas mãos iam silenciando...
E eu me sentia só, num mundo que não era meu...
Aos poucos fui nascendo novamente...
Aceitando seu mundo...
E descobrindo nele coisas maravilhosas:
A existência do som, da palavra, das cores...
Só não consegui identificar a sua voz...
Aprendi que as folhas falam quando o vento sopra...
Aprendi que a água canta quando cai...
Sozinha, nunca liguei o ruído à fonte sonora,
Só descobri tudo isso quando alguém me contou...
Que maravilha!
Mas...
Sinto muito por quem:
– nunca teve tempo...
– nunca olhou para uma criança para ver algo diferente...
– não percebe que ela precisa:
– da sua atenção,
– da sua palavra,
– da sua compreensão
e do seu AMOR⁷..

Bibliografia

⁶ VILHALVA, Sirley. O despertar das mulheres surdas no Brasil. Petrópolis: Ed. Arara Azul, 2004. p.65.

⁷ VILHALVA, Sirley. O despertar das mulheres surdas no Brasil. Petrópolis: Ed. Arara Azul, 2004. p.5.



FENEIS—Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. *Desenvolvimento integral do surdo “enquanto pessoa”*. Belo Horizonte: FENEIS, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

KARNOPP, Lodenir B. & QUADROS, Ronice M. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre, Artmed, 2004.

LABORIT, Emmanuelle. **O vôo da gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

LOPES, Maura C. & VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, volume 21, edição especial – jul./dez. 2006.

LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação. uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Nas Redes do conceito de gênero. In: LOPES; Marta Julia Marques (Org.) et all. *Gênero e Saúde*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MEYER, Dagmar Estermann. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPES; Marta Julia Marques (Org.) et all. *Gênero e Saúde*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MOREIRA, Sandra Zanetti. A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade. In: SKLIAR, Carlos. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, Mediação, 1998.

SÁNCHEZ, Carlos. *La increíble y triste historia de la sordera*. Caracas: Ceprosord, 1990.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada no mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.26.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A política e a epistemologia do corpo normalizado. In: *Revista Espaço*, INES, Rio de Janeiro, 1997.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000.

_____. *Teoria Cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKLIAR, Carlos. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, Mediação, 1998.

THOMA, Adriana da Silva. Educação de surdos: dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos. IN: THOMA, Adriana S. e LOPES, Maura C.: *A invenção da surdez II*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2006.

VILHALVA, Shirley. O despertar das mulheres surdas no Brasil. 08/03/2005. In: <http://www.tvregional.com.br/colunistas>. Acessado em 08/03/2010.